



ADMINISTRAÇÃO
DA INFORMAÇÃO

ABORDAGENS PARADIGMÁTICAS ALTERNATIVAS: POSSIBILIDADES PARA ESTUDOS EM ADI

ALTERNATIVE PARADIGMATIC APPROACHES:
POSSIBILITIES TO INFORMATION ADMINISTRATION STUDIES

Christine da Silva Schröder
Universidade de Santa Cruz do Sul – UNISC

Luis Roque Klering
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Data de submissão: 04 jan. 2012 . **Data de aprovação:**

02 jun. 2012 . **Sistema de avaliação:** Double blind review.

Universidade FUMEC / FACE . Prof. Dr. Henrique Cordeiro

Martins . Prof. Dr. Cid Gonçalves Filho . Prof. Dr. Luiz Claudio

Vieira de Oliveira.

RESUMO

Nossa proposta é incentivar a apropriação de abordagens paradigmáticas alternativas, para a pesquisa na área de Administração da Informação (ADI), a partir de perspectivas que se contrapõem à ontologia positivista-funcionalista – ou, de outro lado, que podem complementá-la, oportunizando a realização de estudos reflexivos, não necessariamente performativos, e “desnaturalizados”. Adotamos os conceitos de reflexividade, não performatividade e desnaturalização, a partir de seu uso por Fournier e Grey (2007), ao se referirem aos estudos críticos em Administração (ou *Critical Management Studies - CMS*). Atestamos que os três conceitos nos são valiosos, porque nos auxiliam a definir condições, pelas quais entendemos que se manifesta *pensamento crítico* – e, por assim dizer, inspiram a pesquisa multi e interparadigmática. Através das possibilidades desse tipo de pesquisa, podemos lançar *olhares* potencialmente ampliados

sobre a teoria e a prática em Administração da Informação, que trazem implicações não apenas epistemológicas, mas, sobretudo, metodológicas, para os estudos da área.

PALAVRAS-CHAVE

Paradigmas. Reflexividade. Epistemologia. Metodologia. Administração da informação.

ABSTRACT

Our proposal is to stimulate the appropriation of alternative paradigmatical approaches by the Administration of Information research, from perspectives that set against the positivist-functionalist ontology, or, from another side, that can complement it, with reflexive, anti performative and "denaturalized" studies. We adopt the concepts of reflexivity, anti performative stance and "denaturalization" from his use in Fournier and Grey (2007), as they referred to in context of the Critical Management Studies - CMS. We attest that three concepts are valuable because they help us defining conditions by which we understand that critical thought is shown – or, they inspire multi and interparadigmatical research. Through the possibilities of this kind of research, we can see potentially enlarged on the theory and practice in Administration of the Information, which bring not only epistemological implications for the studies, but, especially, methodological implications.

KEYWORDS

Paradigms. Reflexivity. Epistemology. Methodology. Administration of the information.

INTRODUÇÃO

A preocupação com a qualidade e os "rumos" da pesquisa em Administração da Informação (ADI), bem como da pesquisa em Administração em si, não é nova. Além de estudos bibliométricos, como os de Hoppen e Meirelles (2005), que se concentram nas análises das temáticas, estratégias e metodologias de pesquisa adotadas pelos estudos em Sistemas de

Informação, entre os anos de 1990 e 2003, outros, como os de Fell, Ximenes e Rodrigues (2004) e os de Diniz *et al.* (2006), analisam a produção acadêmica em Sistemas de Informação sob o critério das escolhas *paradigmáticas* adotadas pelos pesquisadores em ADI.

A partir de trabalhos desta natureza, no que tange à pesquisa em ADI no Brasil, podemos reconhecer a predominância da literatura americana e de orientação

funcionalista-positivista, eminentemente distanciada do exercício da análise crítica e da devida *redução sociológica* (GUERREIRO RAMOS, 1965). A redução sociológica consiste, em outras palavras, na apropriação criteriosa, seletiva e adequada de conceitos advindos do *mainstream* dos estudos em Administração da Informação, o que requer, ainda, um *diálogo* com outras áreas de conhecimento e outras tradições epistemológicas. Como referem Fell, Ximenes e Rodrigues (2004, p.11),

novos enfoques [...] devem ser dados às pesquisas de S. I., para que se possa melhor compreender os fenômenos sociais e culturais que estão no âmbito dessa área de estudo e que ainda não parecem estar sendo visualizados, ou cuja visão tem sido reduzida e/ou simplificada pela forma positivista (e ainda hegemônica) de se observar os fatos sociais.

Assim, é a esse *diálogo* que nos referimos. Realizar esse levantamento uma outra vez, porém, não é nosso objetivo aqui, dado que entendemos que, tão ou mais importante que o "enquadramento" paradigmático, é a sugestão da discussão acerca das *formas de ver* os fenômenos organizacionais, que possam estar relacionados a Administração da Informação, e, adicionalmente, explorar possibilidades de abordagem inter ou multiparadigmática, propondo a realização de estudos que sejam, particularmente, *reflexivos, não performativos e "desnaturalizados"*. Dessa forma, esperamos oferecer contribuição complementar à reflexão iniciada por nossos pares, na comunidade acadêmica de Administração da Informação. Então, simplesmente, afirmamos que este é um artigo de *possibilidades*.

Reflexividade, não performatividade e desnaturalização

A discussão que aqui apresentamos parte, portanto, da necessidade de se buscar outras *formas de ver* os fenômenos organizacionais e, por assim dizer, as próprias pesquisas, e mesmo práticas em Administração da Informação. Nesse sentido, o questionamento central que fazemos é quanto ao espaço para reflexibilidade, não performatividade e "desnaturalização" nesses estudos, em que, ao longo dos anos, percebemos que ainda persiste a ênfase no paradigma funcionalista, que, embora propicie contribuições importantes para a área em geral, oferece apenas *uma* visão da realidade. Em sendo assim, acreditamos que se torna interessante e oportuna a reflexão a partir de outras possibilidades para além da hegemonia do funcionalismo positivista.

Como categorias centrais para a discussão que se propõe, envolvendo tais possibilidades, o resgate de "reflexibilidade", "não performatividade" e "desnaturalização" se fazem a partir de Fournier e Grey (2007), quando, na verdade, ao se referirem aos estudos críticos em Administração (ou *Critical Management Studies - CMS*). Não estamos aqui, porém, preocupados em problematizar a discussão do que seria crítica, por exemplo, na tradição dos estudos organizacionais (em que os *CMS* não são unanimidade enquanto crítica), nem relacionar diretamente esses conceitos à Teoria Crítica enquanto paradigma, posto que a referida discussão, na nossa compreensão, ainda se encontra inacabada. Apenas atestamos que os três conceitos nos são valiosos porque

nos auxiliam a definir condições pelas quais entendemos que se manifesta pensamento crítico. Nesse sentido, estudos caracterizados por uma orientação crítica apresentam estas características:

a) propósito não performativo:

a preocupação não reside na apresentação ou quantificação de resultados pontuais, finalísticos, definitivos, por assim dizer, de performance;

b) desnaturalização, ou

desconstrução da “realidade” da vida organizacional ou da “veracidade” do conhecimento organizacional pela exposição de sua “não naturalidade”, o que sujeita os próprios estudos a uma crítica permanente;

c) flexibilidade filosófica e

metodológica, envolvendo mais que mera discussão de métodos.

A partir dessa visão, podemos ter estudos em Administração da Informação, cujo objetivo seja, unicamente, a reflexão, a desconstrução, a análise e a discussão teórico-prática, sem, exatamente, teste de hipóteses ou aferição de resultados – condição eminentemente funcionalista. Para tanto, outros *olhares* são necessários, e podem dar-se a partir de diferentes *paradigmas* – como, simplesmente, visões que podem fornecer uma orientação inicial com relação às formas de se analisar um dado fenômeno.

Possibilidades paradigmáticas

Dentre vários conceitos presentes na literatura, conceituamos *paradigma* como representando um sistema de crenças ou de visões da realidade, orientando os

pesquisadores não apenas na escolha dos métodos de pesquisa, mas nas próprias trajetórias ontológicas e epistemológicas; os paradigmas definem formas de se ver o mundo e seu estudo; constituem teorias ampliadas, formadas por leis, conceitos, modelos, analogias, valores e regras para a avaliação de teorias (GUBA; LINCOLN, 1994; SILVA; ROMAN, 2010). Na análise organizacional, Burrell e Morgan (1979) são pioneiros na utilização do conceito de paradigma, muito embora, ao longo dos anos, a literatura em ciências sociais, em pesquisa qualitativa e, propriamente, em estudos organizacionais tenha trazido outros aperfeiçoamentos e contribuições à classificação paradigmática proposta, originalmente, por tais autores.

Também neste artigo, a proposta é a de se apresentar os paradigmas como “lentes” possíveis para a análise organizacional e, por analogia, para os estudos em Administração da Informação. Assim, consideramos aqui três grandes paradigmas “possíveis” – mas não definitivos, unicamente pelo fato de já terem obtido certo reconhecimento e legitimação acadêmicos, a partir de Burrell e Morgan (1979) e à luz de Guba e Lincoln (1994): o paradigma funcionalista (numa visão pós-positivista), o paradigma interpretativo (ou construtivista) e a teoria crítica. Transpondo-se, então, a análise para a pesquisa em Administração da Informação, um deles pode ser considerado como representando o *mainstream* da área e, os outros dois, como possibilidades de *olhar* alternativo.

Mainstream: contribuições do paradigma funcionalista (numa visão pós-positivista).

O paradigma funcionalista representa uma perspectiva firmemente guiada pela *sociologia da regulação*, aproximando-se de uma visão *objetivista*. Busca explicações relacionadas a status quo, ordem social, consenso, integração social, solidariedade, necessidade de satisfação e realidade, a partir de um ponto de vista que tende a ser *realista, positivista, determinista e nomotético*. Em termos gerais, procura fornecer explicações essencialmente racionais para as atividades sociais (BURRELL; MORGAN, 1979). Há uma preocupação, portanto, em se obter conhecimento fundamentalmente útil à tomada de decisão e à formulação de estratégias. O foco é, predominantemente, objetivo e utilitarista.

Destarte, os aspectos subjetivos dos sujeitos não são considerados sob a visão desse paradigma, mas, fundamentalmente, são a ênfase em fatores contingenciais, capazes de demandar alterações na estrutura organizacional que está sendo analisada. Lança-se, enfim, *um olhar mais objetivo sobre a organização ou instituição*. Isto se reflete, por exemplo, no emprego de técnicas relativamente estruturadas de coleta, tratamento e análise dos dados, conferindo à teoria, mesmo que não generalizável, algum caráter preditivo, em alguns momentos, sugerindo, indiretamente, *caminhos* para a instituição/organização analisada.

Tal funcionalismo surge na “roupagem” de um pós-positivismo (GUBA; LINCOLN, 1994), nos seguintes termos:

- A adoção de um realismo na análise, mas um realismo crítico: ainda que assumida a existência da realidade, considera-se que ela é apreendida com imperfeições, em

virtude dos mecanismos humanos falhos e de uma natureza “pouco tratável” dos fenômenos;

- O dualismo sujeito-objeto, apregoadado pelo funcionalismo tradicional, é abandonado; mas a *objetividade* atua, de certa forma, como um “ideal regulador”. Então, não se refere mais a uma *objetividade*, no que tange a valores, mas no que tange à sistematização do conhecimento e a uma (desejável) organização dos procedimentos de pesquisa;
- As investigações ocorrem a partir de situações mais naturais, coletando-se mais informações situacionais e se reintroduzindo as descobertas como elementos na pesquisa;
- No campo social, em particular, faz-se uso do ponto de vista das pessoas que fazem parte do fenômeno estudado, para determinação dos significados e intenções pertinentes às suas ações.

O paradigma interpretativo (ou construtivista)

O interpretativismo tem, por intuito, a interpretação da ação humana, identificando aspectos que possam estar sendo negligenciados pela abordagem positivista-funcionalista – muito embora com ela partilhe a ênfase na sociologia da regulação.

O paradigma interpretativo baseia-se no entendimento do mundo “como ele é”, na compreensão da natureza fundamental do mundo social, em nível de experiência *subjetiva*. Portanto, o paradigma interpretativo compartilha, com o funcionalismo, a base na *sociologia da regulação*; contudo, diferencia-se do

funcionalismo positivista pelo fato de sua análise focar o domínio da consciência individual e da subjetividade, vendo o mundo social como um processo social emergente, criado pelos indivíduos. A abordagem desse paradigma, assim, tende a ser *nominalista, antipositivista, voluntarista e ideográfica*.

De acordo com Schwandt (2003), o interpretativismo assume uma abordagem epistemológica da compreensão (*Verstehen*), considerando-a como um processo intelectual, pelo qual o pesquisador obtém conhecimento sobre um objeto (a significação da ação humana).

Numa outra abordagem, pode-se identificar o paradigma interpretativo de Burrell e Morgan (1979) com o paradigma epistemológico construtivista, definido por Guba e Lincoln (1994), que se define por uma abordagem transacional e subjetivista, em que pesquisador e objeto estão interconectados, de forma que os achados são "criados", conforme prossegue a investigação. Esse é um paradigma relativista, na medida em que se entende que as realidades são compreensíveis através de múltiplas construções mentais, baseadas na experiência e na vida social local, específicas, que, por sua vez, são "alteráveis", assim como as "realidades" a ela associadas, como lembram Fell, Ximenes e Rodrigues (2004).

Em linhas gerais, o paradigma construtivista considera que a natureza das construções sociais é variável, pessoal, e em que as construções individuais são, então, legitimadas e refinadas pela interação entre pesquisador e pesquisados. Essas construções, à luz do paradigma, são comparadas e contrastadas por meio de um intercâmbio

dialético, analisando variações do *positivo* e do *negativo* em cada aspecto, com vistas a se obter, ao final, uma construção resultante de um consenso, como um produto mais rico e sofisticado em informações do que as construções que seriam desenvolvidas, unicamente, pelo pesquisador ou, unicamente, pelos pesquisados, individualmente.

Também com base em Motta (1998), apresenta-se justificativa relevante para a realização da análise de processos de mudança (inclusive a relacionada a Sistemas de Informação), sob o paradigma interpretativo – ou, então, o construtivista de Guba e Lincoln (1994). Vista sob o paradigma da *reinterpretação crítica da realidade*, a mudança constitui um processo consciente de se criar uma nova realidade organizacional, quando o indivíduo passa a ser visto como ator, ativo, participante direto da formulação de seus próprios valores, que são formados a partir da interpretação subjetiva da realidade objetiva, vendo-se na organização uma construção emergente das relações intersubjetivas das pessoas.

Os valores socialmente compartilhados pelos indivíduos – intersubjetividade –, na interpretação da realidade, são a base para a análise organizacional. Sob a ótica interpretativa, portanto, o conhecimento pode ser visto como uma construção produzida nas interações humanas, tendo-se enfoque na ação social. Busca-se recriar um novo significado organizacional, por meio dos condicionantes estruturais e das formas comunicativas.

Weick (1995), também citado por Silva e Vergara (2002), traz, sinteticamente, características comuns encontradas em estudos recentes sobre a criação de

sentido nas organizações, dentre as quais podem ser destacadas as seguintes:

- Os investigadores fazem um esforço para preservar a ação que é situada no contexto;
- Os observadores confiam menos em medidas específicas de pesquisa e mais naquilo que os participantes dizem e fazem;
- Os observadores tendem a trabalhar mais *in loco*;
- A densidade da informação e a vivacidade do significado são tão cruciais quanto a precisão e a replicabilidade;
- Tende a haver uma maior valorização de um exame intensivo de um reduzido número de casos, pressupondo-se que as interações do tipo pessoa-situação tendem a ser similares entre classes de pessoas e situações;
- A criação de sentido tende a ser especialmente visível nos locais observados, sendo os locais predominantemente escolhidos pela acessibilidade, mais até que pela representatividade;
- Os observadores trabalham com táticas metodológicas mais relacionadas com significados do que com "contagens de frequências", com foco na explicação.

Ver uma organização, ou instituição, dessa forma, implica em assumir que a dimensão consciente dos indivíduos com relação à mudança organizacional está diretamente associada ao modo como eles constroem a sua interpretação sobre ela e, conseqüentemente, sobre o modo como o significado da mudança é construído por cada indivíduo, dentro do

contexto coletivo do qual participa. Diante disto, Isabella (1990) identifica algumas premissas importantes, que têm sido assumidas por estudos interpretativos, cujo foco principal tem sido a lógica cognitiva desenvolvida pelos participantes de um dado contexto de mudança:

- A realidade é criada/ordenada ativamente pelos membros da organização;
- Em uma coletividade, existem quadros de referência que podem ser compartilhados pelos indivíduos; e
- As interpretações dos eventos de mudança são feitas *a posteriori*, acerca dos eventos sobre os quais elas são construídas.

Teoria crítica

A análise, nas pesquisas em Administração da Informação, também pode considerar elementos como "poder" e "emancipação", que parecem melhor compreendidos por um enfoque humanista, como o do paradigma *humanista radical* ou, então, "conflito", sob a ótica do paradigma *estruturalista radical* (BURRELL; MORGAN, 1979). Estes dois últimos paradigmas sofrem influência da Teoria Crítica e da Teoria Marxista, respectivamente, que constituem referenciais relevantes do ponto de vista das teorias sociais.

Na visão de Guba e Lincoln (1994), esses dois paradigmas aparecem abarcados, simplesmente, como dentro da Teoria Crítica, que, segundo esses autores, considera a realidade, mas de forma diferente daquela como é percebida pelo positivismo: moldada, ao longo do tempo, pela contingência de fatores sociais, políticos, culturais, etc.. Essa abordagem é transacional e subjetivista,

a exemplo da visão construtivista, em que os valores do pesquisador influenciam, obviamente, a pesquisa.

Max Horkheimer foi o primeiro a utilizar o termo "teoria crítica", explicitando que produz esse tipo de teoria "todo aquele que quer continuar a obra de Marx" (VIEIRA; CALDAS, 2007).

No que tange à teorização crítica, entende-se que ela combate, a partir das raízes, o que é prescritivo e o que faz parte do *taken for granted* (BRONNER, 1997), e o faz por meio de ensaios de qualidade inerentemente inacabada e de construção antissistêmica do pensamento, promovendo reflexão que contribui com diferentes disciplinas do conhecimento, trazendo em si a preocupação emancipatória, e preservando, na realidade, a tensão com que se pode nutrir o pensamento dialético.

Wacquant (2004), porém, coloca que existem dois sentidos para a noção de crítica, em que o pensamento crítico mais frutífero as coloca em confluência: (a) a partir de Kant, com relação à avaliação de categorias e de formas de conhecimento; e (b) a partir de Marx, ligada à análise sócio-histórica das formas de dominação e exploração.

Nesse contexto, num entendimento de que a crítica pode ser tanto "radical" quanto "contemporânea", o posicionamento de Vieira e Caldas (2007, p.295) assim complementa:

[...] a teoria crítica não pode ser resumida num conjunto de ideias ou de teses imutáveis, pois, de acordo com o próprio Marx, a verdade é temporal e histórica. O teórico crítico é, portanto, aquele que está sempre mudando, mas ao mesmo tempo orientado pelo

princípio da transformação social e da emancipação. Nesse sentido, pode ser teórico crítico contemporâneo, tendo rompido com Marx, mas não com as categorias centrais da crítica, que envolvem criticar o positivismo como forma estabelecida de conhecimento e o mercado como forma estabelecida de vida coletiva.

Os "achados" das pesquisas ditas críticas são mediados por valores, o que, por sua vez, também carrega a influência de uma relação dialética e dialógica entre pesquisador e pesquisados. Como lembram Fell, Ximenes e Rodrigues (2004, p. 6), respaldados por Guba e Lincoln (1994), "esse diálogo deve ser dialético por natureza, para transformar ignorância e alienação (ao se aceitar estruturas mediadas pela história como imutáveis) em conscientização mais informada (ao se perceber como as estruturas podem ser mudadas, assim como ao se entender as ações requeridas para as mudanças)".

Autores brasileiros, embora não possam ser explicitamente "colocados" em um único paradigma, também contribuem com o pensamento crítico nos estudos das organizações. Assim, pode-se citar, especialmente:

a) Alberto Guerreiro Ramos:

sua vasta obra apresenta, como conceitos centrais, a *redução sociológica*, o conceito de *homem parentético*, *racionalidade substantiva e instrumental* e a teoria dos *múltiplos centros*; em síntese, tais conceitos remetem, respectivamente, dentre outros aspectos, à apropriação criteriosa de tecnologias gerenciais estrangeiras no contexto nacional; ao protagonismo e à consciência

crítica do sujeito no contexto das organizações; e ao entendimento da sociedade a partir de outros centros de *análise*, que não unicamente as organizações de mercado (GUERREIRO RAMOS, 1965, 1984, 1989);

b) Maurício Tragtenberg: explora a condição operária e a administração como ideologia, autogestão e pedagogia libertária, calcada na autonomia do indivíduo. Uma de suas obras de referência é *Administração, Poder e Ideologia* (TRAGTENBERG, 2005);

c) Fernando Claudio Prestes Motta: autor de relevante contribuição ao pensamento administrativo e organizacional nacional em suas várias obras, como as publicadas em 1993 e

2001, analisa, a partir de estudos sobre poder, burocracia, tecnologia, educação e cultura, a administração enquanto ideologia e questiona a fusão entre as racionalidades substantiva e instrumental, como aperfeiçoamento das formas de dominação nas organizações.

Em síntese, tem-se exatamente isto: a ideia de que o conhecimento não deve ser visto como único, absoluto e dogmático (MOTTA, 1998). Se não são definitivos, então também todos os modelos e teorias são imperfeitos e incompletos, sendo que nenhum é superior, mas complementar. Todos possuem contribuições e limitações para a análise, maiores ou menores. As consequências essenciais de cada “escolha” são brevemente apresentadas a seguir.

Paradigma, ou visão, ou abordagem	Contribuição (ou consequência essencial) para a análise
Funcionalista/pós-positivista	Ênfase na sistematização dos conhecimentos decorrentes da análise dos dados; busca por relativa objetividade e técnicas relativamente estruturadas de coleta, tratamento e análise dos dados, conferindo, às teorias geradas, mesmo que não generalizáveis, algum caráter preditivo, permitindo aos usuários (da teoria) explicar e prever fatos, direcionando a ação.
Interpretativo/construtivista	Foco na realidade construída a partir das percepções, interpretações dos pesquisados, obviamente, numa interação com o pesquisador.
Humanista-radical e estruturalista-radical/Teoria Crítica	Foco na realidade apreendida como produto de um contexto influenciado por elementos contingenciais, sobretudo, culturais e políticos, e, no que a teoria construída é produto de um diálogo dialético, que procura transformar “alienação” em “conscientização” para a mudança.

FIGURA 1 – Contribuições essenciais dos diferentes paradigmas

Fonte: Elaborada pelos autores.

Estratégias de interação paradigmática

Burrell e Morgan (1979) assumem que cada paradigma se engaja em uma perspectiva única, sendo, portanto, incomensurável com outro paradigma. Restam excluídas, assim, as possibilidades de integração entre paradigmas. Diferentemente, autores como Schultz e Hatch (1996) e Lewis e Grimes (1999) abordam possibilidades de interações, cruzamentos e ligações entre paradigmas.

A partir de estudos que reconhecem a existência de várias “lentes” ou “olhares” sobre a realidade organizacional, adotamos, neste trabalho, uma posição não apenas de respeito, mas também de estímulo a tais interações, cruzamentos e ligações e, então, à pluralidade de visões, sobretudo como alternativa à ontologia funcionalista-positivista – não meramente numa atitude de “negação” dessa perspectiva, mas, principalmente, como sugestão do esforço de ampliação das análises – especialmente com ênfase na produção de estudos reflexivos e não performativos.

Tal ampliação, na orientação de uma postura pós-moderna, pode, porém, envolver pesquisas cujas tradições culturais, orientações paradigmáticas originais e consequências epistemológicas e metodológicas seriam, num primeiro momento, consideradas conflitantes entre si. Entendemos que se torna necessário, então, fazer algumas opções, primeiramente, identificando-se os “paradigmas” a serem considerados na análise que se pretende, e, em segundo lugar, questionando quanto à possibilidade de abordagem multiparadigmática, que, segundo Schultz e Hatch (1996) e Silva e Roman (2010) pode se dar por:

- a) **Integração paradigmática:** realiza uma síntese das contribuições de diferentes paradigmas; todavia, ignora as diferenças entre abordagens e seus pressupostos paradigmáticos, uma vez que os paradigmas continuam atuando competitivamente e de forma irreconciliável entre si;
- b) **Cruzamento de paradigmas:** pode compreender quatro estratégias: sequencial, paralela, de ligação e de interação;
 - b.1) **Sequencial:** considera a ideia de incomensurabilidade paradigmática; então, orienta que um mesmo fenômeno seja, num primeiro momento, analisado sob um único paradigma e, num segundo momento, por outro, de forma linear, em sequência;
 - b.2) **Paralela:** implica na análise, em paralelo, de um mesmo fenômeno sob diferentes paradigmas, possibilitando diferentes olhares isolados, mas que possam ser, simultaneamente, comparados, enfatizando mais diferenças e conflitos entre paradigmas do que, propriamente, similaridades;
 - b.3) **Ligação:** indica a existência de permeabilidades, zonas de transição ou linhas intermediárias entre paradigmas; enfatiza as similaridades entre paradigmas, e não, propriamente, as diferenças;
 - b.4) **Interação:** posição sugerida por Schultz e Hatch (1996); constitui uma estratégia de cruzamento entre paradigmas, utilizando-se dos contrastes e das conexões entre paradigmas, para

compreender a natureza de um fenômeno. O que torna possível desenvolver essa estratégia é a percepção de que as fronteiras entre paradigmas são permeáveis, e de que há possibilidade de se estabelecer combinações entre contrastes e conexões entre eles. No entanto, requer maior domínio, por parte do pesquisador, das bases ontológicas e epistemológicas dos diferentes paradigmas, já que isso se torna mais complexo do que, simplesmente, um estudo paralelo ou sequencial, que possibilita uma delimitação mais clara e minimiza as chances de se confundir as orientações paradigmáticas.

Consequências (ou implicações) paradigmáticas para a pesquisa em Administração da Informação

Com base ainda na discussão central que estamos propondo, pela realização de estudos reflexivos, não performativos e de “desnaturalização”, evidenciamos que tais estratégias de integração e cruzamento podem ser interessantes para estudos relacionados a várias temáticas pertinentes à área de Administração da Informação. A partir disso, inspirando a realização de tais estudos, fazemos algumas sugestões de temas e objetos de pesquisa (declaramos, no entanto, que pode haver muitas outras), tendo como base a classificação temática do Encontro Nacional de Administração da Informação (ENADi), evento considerado como de referência pela comunidade acadêmica nacional, e promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) para a área de Administração da Informação:

a) Aspectos sociais, culturais e comportamentais dos Sistemas de Informação (SI):

possivelmente, nessa área temática, temos as mais aparentes “oportunidades” para a realização de pesquisas multiparadigmáticas ou interparadigmáticas. A análise de impactos e consequências dos sistemas de informação, sobretudo do ponto de vista social e humano, sugere que os fenômenos de análise da mudança organizacional (ou social), relacionada à adoção de sistemas de informação, compreendendo a análise, por exemplo, de categorias como “tempo”, “espaço”, “estética” e “sentido”, sejam estudados à luz do paradigma interpretativo; adicionalmente, a compreensão dos sistemas de informação como “práticas discursivas”, de geração de significado e de relações de poder e controle pode sugerir a análise tanto sob o ponto de vista interpretativo quanto sob o crítico – essa análise pode ser sequencial, paralela, por ligação ou interação; alternativas metodológicas como análise do discurso, análise crítica do discurso e análise da conversa são particularmente interessantes para pesquisas relacionadas a essa temática;

b) Desenvolvimento de Sistemas de Informação:

o usuário (enquanto unidade de análise) e a interação humano-computador pressupõem a aproximação com abordagens comportamentais, p r e d o m i n a n t e m e n t e interpretativas, embora a teoria

crítica torne-se, aqui, interessante, por permitir um olhar dialético e de “negação” sobre a própria condição do sujeito-usuário, diante da adoção de sistemas de informação; alternativamente, ou como ponto de partida, o paradigma funcionalista tem sua importância para o entendimento de aspectos como, por exemplo, os resultados quantificáveis, ou de performance, relacionados ao desenvolvimento e adoção de sistemas de informação diversos;

c) Gestão da informação: ao abordar, essencialmente, aspectos de conteúdo e arquitetura de sistemas de informação e de qualidade, inteligência competitiva e análise da informação para cadeias colaborativas, o paradigma interpretativo pode fornecer uma análise complementar à funcionalista, favorecendo a compreensão de elementos comunicacionais imbricados em sistemas de informação (fazendo-se questionamentos como: “de que formas a informação ‘tráfega’ entre desenvolvimento e usuário? Como a atribuição humana de significados aos processos pode interferir nos processos comunicacionais?”), a partir de estudos da linguagem e de construção de sentidos, além da perspectiva mais estrutural comumente relacionada a essas pesquisas; um exemplo mais “nítido” dessa apropriação seria um estudo funcionalista e interpretativo de usabilidade, interface e interatividade de um dado sistema de gestão de informações;

d) Gestão do conhecimento: constitui, no nosso entendimento, um campo bastante propício à pesquisa multi, ou interparadigmática, em que os objetos possivelmente mais favoráveis sejam as comunidades virtuais e comunidades de prática e os fatores críticos de sucesso do processo de gestão do conhecimento. O viés interpretativo pode possibilitar uma visão ampliada dos processos de criação, assimilação e disseminação do conhecimento organizacional, especialmente a partir das comunidades e de portais corporativos. Em proximidade, por exemplo, com os estudos relacionados a Aprendizagem Organizacional, o olhar paradigmático interpretativo, novamente em vinculação com as questões de linguagem e significado, pode ser relevante para a compreensão mais adequada dos processos de gestão do conhecimento organizacional;

e) Governança e gestão de Tecnologia da Informação: particularmente, a questão do planejamento estratégico de TI pode ser analisada, complementarmente, a partir de uma visão orgânica da estratégia, sob a qual aspectos interpretativos podem fornecer um olhar complementar aos aspectos performativos ligados à gestão;

f) Processo decisório e Sistemas de Apoio a Decisão (SAD): a desafiadora consideração de elementos relativos a Comportamento Organizacional, na compreensão de sistemas de apoio à decisão, requer inspiração de outras

orientações paradigmáticas, além da funcionalista, posto que a afiliação teórica de algumas abordagens comportamentais, ou mesmo de elementos comportamentais como, por exemplo, motivação e percepção, guarda proximidade com a orientação interpretativa;

g) Metodologias, métodos e técnicas:

a pesquisa multi ou interparadigmática torna-se bastante oportuna, particularmente pela própria discussão que propusemos neste artigo: a necessidade de se explorar possibilidades de pesquisa em Sistemas de Informação que incluam outros “olhares” paradigmáticos e, conseqüentemente, sugiram alternativas metodológicas à pesquisa qualitativa, quantitativa ou quali-quantitativa, como, por exemplo, análise do discurso, análise crítica do discurso, análise da conversa (*online*), *focus group*, netnografia (estudos etnográficos em ambiente virtual), análise de narrativas e *Grounded Theory*;

h) Sistemas de Informação organizacionais e interorganizacionais:

os paradigmas interpretativo e crítico podem oportunizar olhares alternativos à concepção eminentemente técnica de gestão de ambientes virtuais – particularmente analisando tais ambientes sob a perspectiva do usuário;

i) Sistemas de Informação e Tecnologia da Informação em organizações públicas e não governamentais, e aspectos

socioambientais de Sistemas de Informação e Tecnologia da Informação:

ao abordar categorias como “poder”, “controle”, “responsabilidade social” e “participação”, reflexões inspiradas pela teorização crítica aprofundam a visão acerca do desenvolvimento e da aplicabilidade desses sistemas.

Em síntese, como implicação filosófica geral, tem-se o posicionamento do próprio sujeito pesquisador, que pode, até mesmo, explicitar suas posições políticas e sua visão de mundo. Em artigos, por exemplo, na área de Organizações, já é relativamente comum que os textos sejam escritos em primeira pessoa – o que creditamos à permeabilidade a outros paradigmas que não o funcionalista, afastando-se da tradição positivista, que coloca o sujeito pesquisador como “neutro”. Desafiadoramente, entendemos que o sujeito pesquisador é um ser *no* mundo (GUERREIRO RAMOS, 1965), protagonista e responsável pelo conhecimento que produz e compartilha, independentemente de sua área de atuação científica. E que, assim, nada o “impediria” de *aparecer* no texto. Essa, porém, é uma posição *nossa*, que inclusive gostaríamos que fosse problematizada pela comunidade acadêmica em Administração da Informação.

Tal postura, no nosso entendimento, é coerente com uma orientação para: a emancipação do homem na sociedade, a manutenção do comportamento crítico, a impossibilidade lógica de dissociação entre cientista e cidadão, a multidentalidade da análise e, até, a própria necessidade de aproximação entre teorização e prática, em que o acadêmico revê, constantemente, sua própria orientação

de pesquisa e os valores que nela legitima. De outro lado, as consequências se dão não apenas em termos de paradigma e método, mas em termos, inclusive, de linguagem: a reflexão pode requerer ensaios, por si sós, inacabados, deixando debates abertos, que podem escapar do “formato” – o que constituiria mais um *problema* a ser discutido.

Finalmente, como recordam Silva e Roman (2010), cabe recordar a visão evolutiva dos estudos organizacionais de Prestes Motta (2001), embasada no conceito de racionalidade de Guerreiro Ramos (1989) que, entendemos, pode ser “transposta” ao olhar sobre outras áreas ligadas à gestão – inclusive a área de Administração da Informação –, na teoria e na prática. A pesquisa multiparadigmática, reflexiva e não necessariamente performativa, pode possibilitar que a Administração resgate a essência da racionalidade substantiva, superando o domínio ainda hegemônico da razão instrumental, que termina por considerar o humano como unidimensional. O resgate da multidimensionalidade do humano, analogicamente, possibilitaria um olhar multi (e inter) dimensional sobre as próprias organizações e seus fenômenos. A partir desse pensamento, enfim, é que fizemos as nossas sugestões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ALGUNS DESAFIOS

Finalmente, depois de tantos conceitos e sugestões, onde estão os *resultados* deste artigo? Qual a sua metodologia? – alguém (ainda) poderia nos indagar. Em resposta, declaramos que nossa própria escrita, reflexiva e não performativa, embora constituindo *mera* proposição de análise (meta) teórica, foi um processo não linear (as sugestões e

conceitos surgiam desordenadamente e, aos poucos, tentávamos estabelecer vinculações possíveis). Não há resultados, há questões e possibilidades sobre as quais se pode refletir.

Silva e Roman (2010, p. 84-85), já mencionados em outros momentos, corroboram nosso entendimento:

[...] Ressaltamos a importância de eventos, como os vinculados à Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração, que promovam um fórum de debates de grande importância para o desenvolvimento de teorias no campo das organizações [...]. A difusão de estudos abordando o processo de construção de teorias, a partir de diferentes perspectivas teóricas, pode contribuir para incentivar estudos mais críticos sobre a produção do conhecimento. A introdução de uma perspectiva multiparadigmática pode contribuir para a melhoria da qualidade da produção científica e do desenvolvimento de teorias no campo das organizações [...] Para tanto, é preciso romper fronteiras, evitar o egocentrismo e criar um clima de convivência que possibilite o reconhecimento de diversas posições metateóricas que contribuam para tal evolução.

Ademais, sob essa mesma ótica, a implicação com o que pesquisamos, fazemos e construímos é inevitável, e prévia à própria redação (efetuada em primeira pessoa do plural), de forma coerente com o que anteriormente expusemos como implicações de estudos não performativos: a indissociabilidade entre pesquisador e, mesmo, cidadão, sujeito verdadeiramente envolvido, parte e protagonista de suas reflexões e pesquisas.

Nosso ensaio, como tal, é uma análise de possibilidades, uma sugestão de caminhos para pesquisadores como nós, e, em especial, a partir da área de Administração da Informação, com a qual temos alguma proximidade em nossas pesquisas. Temos a formação em Exatas como parte de nossa história de vida, e a formação humanística como consolidação de nossa trajetória acadêmica. Já publicamos em ADI e consideramos que nossos próprios objetos de análise já não fazem parte do *mainstream* da área. Nossos artigos ainda são ora descritivos, ora ensaios teóricos; ainda assim, nos *atrevemos* a transpor para a área de Administração da Informação o nosso questionamento, pois nada mais objetivamos do que promover a reflexão em busca de novas *formas de ver*, em diálogo com outras áreas da Administração, como os Estudos Organizacionais e o Comportamento Organizacional, e de conhecimento, como Sociologia, Antropologia, Psicologia e Comunicação, por exemplo.

A “ruptura” que enfatizamos com o positivismo funcionalista, a bem da verdade, não consiste em uma ruptura radical propriamente, mas numa ampliação do enfoque positivista, deslocando-o da posição hegemônica, segundo entendemos, que ainda se encontra nas pesquisas em ADI. Para tanto, apresentamos o desafio da pesquisa multiparadigmática ou, ainda, interparadigmática.

Um esclarecimento adicional se faz necessário: compreendemos que pesquisas qualitativas não necessariamente são não positivistas: em todas as áreas podemos

encontrar exemplos de análise qualitativa imersos na tradição funcionalista – até mesmo como se essa tradição pudesse servir como fator de legitimação do “rigor” da pesquisa qualitativa, por vezes ainda “desacreditada”. Acreditamos que é possível, sim, se fazer pesquisa qualitativa, rigorosa e multiparadigmática – o que nos parece, no entanto, bastante trabalhoso. Todavia, a possível dificuldade de aceitação de tais estudos, como “formadores de teoria”, além da própria dificuldade de aplicabilidade de perspectivas, para além dos ensaios teóricos e, mesmo, o receio de se fazer “confusão epistemológica” podem ser fortes inibidores da realização de estudos multi e interparadigmáticos, reflexivos, não performativos e “desnaturalizadores” – também ainda em ADI. Para tanto, os questionamentos que temos aplicam-se ao nosso contexto prático, especialmente brasileiro, e ao final deste artigo os fazemos: que motivações e condições (tempo, recursos, formação de redes de pesquisadores) temos para a pesquisa em Administração da Informação atualmente? Dada sua amplitude, ela privilegia ou, mesmo, negligencia alguns temas (e objetos), e coloca isso, devidamente, em discussão? Sob quais condições o conhecimento é “legitimado” na área? O que é “administrar informação”, hoje? Mestrandos, doutorandos e pesquisadores em Administração da Informação valorizam a interface com outras áreas do conhecimento – e, mesmo, da Filosofia do Conhecimento –, e isso amplia e favorece, ou confunde e desestabiliza? E, por fim: a área tem, afinal, uma “identidade” temática consolidada? ➤

REFERÊNCIAS

- BRONNER, S. E. **Da teoria crítica e seus teóricos**. Campinas: Papyrus, 1997.
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological paradigms and organizational analysis**. London: Heinemann, 1979.
- DINIZ, E. H. *et al.* Abordagens epistemológicas em pesquisas qualitativas: além do positivismo nas pesquisas na área de sistemas de informação. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 30., 2006, Salvador. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2006.
- FELL, A. F. A.; XIMENES, A. F.; RODRIGUES FILHO, J. Pesquisa qualitativa em Sistemas de Informação (S. I.) no Brasil: uma análise da produção acadêmica. In: SIMPÓSIO DE ENGENHARIA DE PRODUÇÃO, 11., 2004, Bauru. **Anais...** Bauru: SIMPEP, 2004.
- FOURNIER, V.; GREY, C. Hora da verdade: condições e prospectos para os estudos críticos de gestão. In: CALDAS, M. P.; BERTERO, C. O. (Org.). **Teoria das organizações**. São Paulo: Atlas, 2007. p. 335-360. (Série RAE – clássicos: teoria das organizações).
- GUBA, E. G.; LINCOLN, Y. S. Competing paradigms in qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). **Handbook of qualitative research**. Thousand Oaks: Sage, 1994. p.105-117.
- GUERREIRO RAMOS, A. **A nova ciência das organizações**: uma reconceitualização da riqueza das nações. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1989.
- GUERREIRO RAMOS, A. **A redução sociológica**: introdução ao estudo da razão sociológica. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.
- GUERREIRO RAMOS, A. Modelos de homem e teoria administrativa. **Revista Brasileira de Administração Pública**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 3-12, abr./jun. 1984.
- HOPPEN, N.; MEIRELLES, F. S. Sistemas de informação: a pesquisa científica brasileira entre 1990 e 2003. **Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 45, n. 1, p. 24-35, jan./mar. 2005.
- ISABELLA, L. A. Evolving interpretations as a change unfolds: how managers construe key organizational events. **The Academy of Management Journal**, [S. l.], v. 33, n.1, p. 7-41, Mar. 1990.
- LEWIS, M.; GRIMES, A. J. Metatriangulation: building theory from multiple paradigms. **Academy of Management Review**, [S. l.], v. 24, n. 4, p. 672-690, Oct. 1999.
- MOTTA, P. R. **Transformação organizacional**: a teoria e a prática de inovar. São Paulo: Qualitymark, 1998.
- PRESTES MOTTA, F. C. Controle social nas organizações. **Revista de Administração de Empresas**, [S. l.], v. 33, n. 5, p. 68-87, set./out. 1993.
- PRESTES MOTTA, F. C. **Teoria das organizações**: evolução crítica. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2001.
- SCHULTZ, M.; HATCH, M. J. Living with multiple paradigms: the case of paradigm interplay in organizational culture studies. **Academy of Management Review**, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 529-557, Apr. 1996.
- SCHWANDT, T. A. Three epistemological stances for qualitative inquiry: interpretativism, hermeneutics and social constructionism. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Org.). **The landscape of qualitative research**: theories and issues. 2. ed. Thousand Oaks: Sage, 2003. p. 292-322.
- SILVA, A. B.; ROMAN NETO, J. Perspectiva multiparadigmática nos estudos organizacionais. In: GODOI, C. K.; BANDEIRA-DE-MELLO, R.; SILVA, A. B. (Org.). **Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais**: paradigmas, estratégias e métodos. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2010. p. 53-88.
- SILVA, J. R. G.; VERGARA, S. C. Análise comparativa acerca da utilização de desenhos na pesquisa sobre a criação de sentido da mudança organizacional. **Organizações e Sociedade**, [S. l.], v. 9, n. 23, p. 159-169, jan./abr. 2002.
- TRAGTENBERG, M. **Administração, poder e ideologia**. 3. ed. rev. São Paulo: UNESP, 2005.
- VIEIRA, M. M. F.; CALDAS, M. P. Teoria crítica e pós-modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. In: CALDAS, M. P.; BERTERO, C. O. (Org.). **Teoria das organizações**. São Paulo: Atlas, 2007. p. 291-311. (Série RAE – clássicos: teoria das organizações).
- WACQUANT, L. Critical thought as solvent of doxa. **Constellations**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. 97-101, 2004.
- WEICK, K.E. **Sensemaking in organizations**. London: Sage, 1995.